

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2022-08-26

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Saldanha, J. L. P. de (2015). Sistemas de registo e classificação de informação. O caso da enumeração em Jorge Luís Borges e Arnaldo Antunes. *Passagens*. 2, 8-29

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Saldanha, J. L. P. de (2015). Sistemas de registo e classificação de informação. O caso da enumeração em Jorge Luís Borges e Arnaldo Antunes. *Passagens*. 2, 8-29. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Sistemas de Registo e Classificação de Informação. O caso da Enumeração em Jorge Luís Borges e Arnaldo Antunes

I. O processo narrativo na elaboração de uma tese doutoral

*Ninguém mais podia entrar por aqui, porque esta entrada estava-te destinada só a ti.
Agora vou fechá-la.*

Franz Kafka, *À Porta da Lei*¹.

O desenvolvimento de teses e dissertações corresponde a um processo de formulação, ou proposição, de uma hipótese; da colocação à prova da hipótese formulada por processo empírico, mas alicerçado em métodos científicos adequadamente desenvolvidos; e da tentativa subsequente de confirmação da hipótese.

Esse processo corresponderá a etapas relativamente constantes e narrativamente encadeadas. A *introdução* incluirá a abordagem ao *estado da questão* (ou *estado da arte*), em que o investigador apresenta um enquadramento panorâmico da área temática que elegeu - incluindo naturalmente a revisão da investigação e bibliografia desenvolvida por outros com relevância para o tema. A formulação da hipótese proporá um desenvolvimento, original, de acréscimo ao conhecimento científico disponível.

À confirmação da hipótese corresponde a extensão intermédia e mais alongada da tese, através de processo metodológico (método+*logos*) que se revele mais ajustado a cada caso. Metodologia, de acordo com Carlos Moreira de Azevedo, é “etimologicamente a ciência em ordem a encontrar um «caminho para», a arte de adaptar o caminho próprio para atingir um determinado fim”².

As conclusões constituem-se em corolário do processo de investigação, podendo encerrar um desenvolvimento convergente com a clássica subdivisão dialética grega em *tese-antítese-síntese*. Esta sequência, antiga de milhares de anos e envolvendo usualmente dois ou mais protagonistas, inicia-se em regra com a *tese* - uma proposição - que logo se vê oposta por tendências antitéticas disruptivas (contra-proposições) oriundas das outras partes, ou da reflexão do próprio. O resultado deste método poderá ser a refutação da tese; ou a *síntese* que consiste no alcance de uma *verdade*, resultante na validação da *tese*, tendo esta sido eventualmente enriquecida por alguns argumentos antitéticos com que se viu confrontada.

O processo criativo que suporta a realização de teses ou dissertações académicas não pode nem deve porém reger-se por normas precisas; ele próprio, autónomo, imporá as suas próprias leis, diferentes e únicas. O criador saberá muito bem intuí-las e respeitá-las³.

¹ KAFKA, Franz. “Um médico de Aldeia”, In *Parábolas e Fragmento*. Assírio&Alvim. Lisboa, 2004, pág. 57.

² AZEVEDO, Carlos Moreira de. “Metodologia Científica: Contributos Práticos Para a Elaboração de Trabalhos Académicos”. Universidade Católica, Lisboa, 2008.

³ ROBBATTO, Matilde Albert. “Redacção e Estilo”. Ed. Marle. San Juan de Puerto Rico, 1988, pág. 202. *Apud* RAMÍREZ, Juan António. *Cómo escribir sobre arte y arquitectura*. Ediciones del Serbal. Madrid, 1991, pág.8.

Nesse processo incluem-se procedimentos de tratamento de dados, com momentos de inventariação, classificação, catalogação e arquivo. Fichas bibliográficas, inquéritos e bases de dados, são realizados de acordo com sistematização própria de cada investigação. Imagens e textos, sob a forma física ou em *backups* electrónicos, encontrarão nas mãos do investigador o arranjo lógico que contribuirá para uma conclusão bem-sucedida dos trabalhos.

O presente artigo abordará diversos sistemas de classificação que a ciência ocidental desenvolveu, no anseio de traduzir intelectualmente a realidade, para assim poder representá-la e comunicá-la. Tratará por fim um sistema particularmente literário, muito explorado durante o período barroco, mas que permanece em uso até os dias de hoje: a *enumeração*. A expressão deriva do latim *ēnumerātiōnis*: enumeração; resumo; exposição⁴. Para este propósito, recorreremos à produção de diversos autores, com predominância para o *portenho* Jorge Luís Borges e o *paulista* Arnaldo Antunes.

II. Sistemas de Classificação de Informação

There is no man alone, because every man is a Microcosm, and carries the whole world about him.

Sir Thomas Browne, *Religio Medici*, 1642.

Sendo certo que na investigação hão-de predominar os elementos científicos e éticos, a sua concretização deve ter condições óptimas de legibilidade, inteligibilidade e clareza. Nesse sentido, o seu desenvolvimento narrativamente equilibrado e harmonioso poderá encerrar uma dimensão estética e literária – sendo oportuno relembrar que ao grau doutoral atribuído no mundo anglo-saxónico corresponde o nome *Philosophiae Doctor* (abreviado para PhD) no qual se acha implícita a noção de que qualquer tese doutoral em qualquer área científica corresponde em abstracto a um exercício filosófico.

Na verdade, a capacidade de traduzir o pensamento em palavras encerra desde logo problemas particulares que Jorge Luís Borges⁵ aborda, citando G.K. Chesterton:

«O homem sabe que há na alma matizes mais desconcertantes, mais inumeráveis e mais anónimos que as cores de uma selva outonal. No entanto, julga que esses matizes, em todas as suas fusões e transformações, são representáveis com precisão por um mecanismo arbitrário de grunhidos e de guinchos. Julga que de dentro de uma bolsa saem realmente ruídos que significam todos os mistérios da memória e todas as agonias do desejo». Declarada insuficiente a linguagem, há lugar para outras; a alegoria pode ser uma delas, tal como a arquitectura ou a música.

Logos significava na língua grega a palavra escrita ou falada (o «Verbo»), mas depois de Heráclito abarca significado mais amplo, passando a ser um conceito filosófico traduzido como a *Razão*, dando assim origem à Lógica e, eventualmente, à Filosofia da Linguagem, na qual se

⁴ DICIONÁRIO Português-Latim e Latim-Português. Porto Editora. Porto, 2000.

⁵ CHESTERTON, G.K. “George Frederick Watts”. The Ballantyne Press. London, 1904, pág. 44. *Apud* BORGES, Jorge Luís. *Das alegorias aos romances*. “Outras Inquirições”. In *Obras Completas*, Vol.II. Editorial Teorema. Lisboa, 1998. Pág.119.

destaca no século XX Ludwig Wittgenstein com a "teoria pictórica do significado", que estabelece que uma proposição é uma representação figurativa dos factos capaz de representar um estado de coisas real ou possível. De acordo com o filósofo austríaco⁶:

Logic concerns the relationship between the facts that constitute the world. [...] Anyone who invents, designs or creates new objects, composes new configurations of facts corresponding to certain logical forms. [...] Language can say something about the facts of the world because of its capability to form logical relationships between its elements identical to the corresponding facts; thus language mirrors the world⁷.

Deste modo, a terminologia técnica que apoia diversas áreas de conhecimento consiste de um léxico particular e necessário. O tratamento e classificação de informação ocorrem no mundo da Ciência de acordo com sistemas variados, desde a linguagem-máquina utilizada nos *zeros e uns* da informática, à anatomia médica que decompõe o corpo humano em sistemas neuro-cerebral, cardio-respiratório, ortopédico, reprodutivos, digestivo, etc. Já no mundo da Biologia, a Taxonomia aplica aos seres vivos o sistema binomial de família/espécie que o sueco Carolus Linnaeus (1707-1778) introduziu em 1753, com a publicação de *Species Plantarum*.

No *Século das Luzes* a ciência dá passos largos na sistematização do conhecimento, onde se destacam Diderot (1713-1784) e D'Alembert (1717-1783) propondo-se uma realização impensável, que de certo modo constitui o contraponto da enumeração. Surpreendentemente, o sonho deu lugar em 1751 à épica concretização dos 35 tomos da *Encyclopédia*, distribuídos em 17 volumes de texto, 11 volumes de estampas e cinco volumes de suplementos (um dos quais de estampas), num impressionante total de 3.129 gravuras a talhe-doce⁸.

Na Architectura impera uma caracterização dos elementos construtivos, das peças técnicas, escritas ou desenhadas, constituintes do projecto - mas ainda a tipologia. No plano mais lato do *território*, a humanidade conhece, e depois nomeia, o mundo que a rodeia, para poder representá-lo. É significativo, por exemplo, que o continente que dá origem à raça humana derive o nome do latim: *afri* é o nome que os romanos davam aos habitantes do território de Cartago. A forma singular *afer* (ou *africanus*) surge por vezes nos nomes dos cidadãos do Império, como ocorre com o conhecido *Publius Cornelius Scipio Africanus*, vencedor da segunda guerra púnica. Pela mesma razão, às águas que banhavam as costas da Argélia, Tunísia e Líbia se dava o nome de *Africum Mare*⁹. Embora ao território norte-africano que bordejava o

⁶ WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*, Aforismo 4.01.

⁷ WIJDEWELD, Paul. "Ludwig Wittgenstein, *Architect*". The Pepin Press. Amsterdam, 2000. Pág. 164.

⁸ AZEVEDO, Pedro (org). "Biblioteca dos Marquês da Praia e Monforte". Pedro Azevedo. Lisboa, 2004, págs 54-56.

⁹ EUZENAT, M. (coord.). *Mapa 28 (Mauritania Tingitensis) e Map-by-Map Directory*, Volume I. Pág.520. "Barrington Atlas of the Greek and Roman World". Princeton University Press. Princeton e Oxford. 2000.

mediterrâneo aplicassem os romanos a expressão *Mauritania*, e às partes mais meridionais *Aethiopia*¹⁰, a extensão do termo *Africa* vem a abarcar mais tarde todo o continente.

Também ao agrupamento de tribos que habitavam o sudoeste da península ibérica o ocupador romano atribuiu o nome de *Lusitani*, que depois consolida em província administrativa de limites bem definidos, oferecendo simultaneamente aos seus habitantes uma consciência alargada da realidade, de pertença e destino comum.

Para nomear o território, há naturalmente que reconhecê-lo (e vice-versa). Assim, a Geografia acompanha a apropriação territorial, em particular no século XIX, seguindo-se o princípio de que a posse se legitima com o conhecimento, a nomeação, o reconhecimento - e por fim a delimitação dos espaços ocupados. Bem mais cedo porém, já Portugal e Espanha haviam iniciado na América do Sul o levantamento do território, possibilitando em seguida a definição das fronteiras do Brasil (que tardam quase três séculos a concluir).

Nesses termos, pode admitir-se que o meridiano das Tordesilhas corresponde ao mundo das “ideias” de Platão (nos termos que se verão) - mas que logo se revela impraticável no terreno, cedendo lugar a dois princípios consagrados no Tratado de Limites das Conquistas, assinado em Madrid em 1750 para efeitos da demarcação da nação brasileira:

Por um lado, consagrava uma figura que se radicava no direito romano, reflectida na expressão latina *uti possidetis ita possedeatis*, que poderá ser traduzida por «se já possuíis, continuai possuindo». Ou seja, passaria a ser reconhecida a propriedade plena dos territórios a quem já desfrutava a sua posse. (...) Por outro lado, pretendia-se substituir a fronteira convencional por balizas naturais e permanentes, como eram os cursos de água e as cumeadas das montanhas”¹¹.

Na disputa entre espanhóis e portugueses ocupou lugar central a margem esquerda do Rio da Prata - dando lugar, por exemplo, à conquista portuguesa de Montevideo em 1817 (assunto que encerra somente após a independência do Brasil, com a constituição da República do Uruguai em 1828) ou à fundação da Colónia de Sacramento em 1681, sobre a qual Jorge Luís Borges escreveu¹²:

Aqui, do outro lado do mar, projectou-se a vasta sombra de Aljubarrota e desses reis que agora são pó. Aqui lutaram os Castelhanos e os Portugueses, que assumiriam depois outros nomes. Sei que durante a guerra do Brasil um dos meus antepassados sitiou esta praça.

¹⁰ EUZENAT, M. (coord.). *Mapas 4 (Arabia/Azania) e 34 (Numidia) e Map-by-Map Directory*, Volume I, págs. 44 e 520. “Barrington Atlas of the Greek and Roman World”. Princeton University Press. Princeton e Oxford. 2000.

¹¹ GUERREIRO, Inácio Guerreiro. “Fronteiras do Brasil Colonial: A cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII”. In *Revista Oceanos*, nº40. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa, Outubro/Dezembro 1999. Pág. 28.

¹² BORGES, Jorge Luís. “Atlas” (1984). In: *Obras Completas*, Vol.III. Editorial Teorema. Lisboa, 1998. Pág. 469.

Aqui sentimos de forma inequívoca a presença do tempo, tão rara nestas latitudes. Nas muralhas e nas casas está o passado, sabor que se agradece na América.

Países e fronteiras foram, de resto, relativizados por Jorge Luís Borges, como abstracções artificiais construídas pelo Homem. Uma linha que o britânico Eddie Izzard segue no seu espectáculo humorístico “Dress to Kill”¹³:

That’s how you build an Empire. Just sail around the world and stick a flag in:

- *I claim India for Britain!*

And they go:

- *You can’t claim us, we live here. 500 million of us.*
- *Do you have a flag?!...*
- *We don’t need a bloody flag, it’s our country you bastard!*
- *No flag, no country.*

III. O Exercício Literário da Enumeração

Having made MAN and taught him MUSIC, then it was necessary to invent MOZART.

Peter Greenaway, *M is for Man, Music, Mozart*¹⁴.

À passagem já citada em que comenta Chesterton, Borges acrescenta:

Observa Coleridge que todos os homens nascem aristotélicos ou platónicos. Os últimos intuem que as ideias são realidades; os primeiros, que são generalizações; para estes, a linguagem não é outra coisa senão um sistema de símbolos arbitrários; para aqueles, é o mapa do universo. O platónico sabe que o universo é de certo modo um cosmos, uma ordem; esta ordem, para o aristotélico, pode ser um erro ou uma ficção do nosso conhecimento parcial¹⁵.

Eis um traço comum entre enumeradores: o interesse pelo caleidoscópio da realidade e a consciência da incapacidade de o abarcar totalmente. A enumeração opõe-se ao Realismo Científico, encerrando uma atitude céptica perante o mundo e sua representação. Nessa linha, o britânico Peter Greenaway declara¹⁶:

¹³ DRESS to Kill. Vision Video. Realização: Lawrence Jordan, 1998. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P_FMBdbPRW4. Acedido a: 23.08.2014, 20:00.

¹⁴ M is for Man, Music, Mozart. BBC, AVRO television, Artifax co-production, 1991. Realização: Peter Greenaway. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=q7mT4_NghpI. Publicado a 15/08/2012. Acedido a: 27.07.2014.

¹⁵ *Das alegorias aos romances*. “Outras Inquirições”. In *Obras Completas*, Vol.II. Editorial Teorema. Lisboa, 1998. Pág.119.

¹⁶ L’ ALEPH e l’Occhio. Realização: Massimo Gamberti.. In: *O Ventre de Um Arquitecto*. Costa do Castelo, 2006. 1 DVD.

- Since you can't film reality, then why try? Because you're always going to fail. [...] So the images I make and the cinema I make always are arranged very self-consciously in a way to make sure that you know all you are looking at is a film. [...] It's an artifice – totally artificial.
- Most people now I suppose after 105 years of cinema making expect to be told a story when they go to a cinema. I don't think that cinema is a very good narrative medium, and if you want to tell stories, **you'd be much better off being a novelist.**
- But there is a great problem: **then if you try and minimize the narrative, or if you try to throw the narrative away, you have to some way or another organize your material, otherwise you'll end up in incoherence and chaos.**
- I have a great interest in **systems and classification**, so, repeatedly, I have used other systems **rather than narrative** in order to organize the filmic material, so **I use numerical counts, I use colour symbolism, colour coding – and certainly I will use the alphabetical system.**

No cineasta galês, essa vocação surge de forma recorrente, em películas como *Drowning by Numbers* (o “número”), *Prospero's Books* (a “enciclopédia”) ou no filme para a televisão *M is for Man, Music, Mozart* (o “abecedário”), produzido e distribuído pela BBC em associação com diversos canais televisivos (entre os quais se contou a Rádio Televisão Portuguesa).

Em *The Cook, the Thief, His Wife & Her Lover*, a enumeração figura logo no nome da película. Comparece enfaticamente na trilogia de 2003 sobre Tulse Henry Purcell Luper¹⁷ - que gera ainda uma exposição com as 92 malas onde esse personagem fictício acumula ao longo da vida categorias de “objects to represent the World”, num registo de *tableaux-vivants* (que foi muito popular no século XIX).

Já adulto, Tulse Luper iria tornar-se, quase que por defeito, num escritor. Talvez se tenha considerado, acima de tudo, um naturalista. Formou-se arqueólogo. Talvez fosse importante que os demais o vissem como um coleccionador. Referia-se a si mesmo como uma espécie de arquivista. Sentia uma admiração especial por coleccionistas, lexicógrafos, enciclopedistas e por todos aqueles que tentavam ordenar o mundo sob um único sistema. Gostava de fazer listas. Coleccionava, recolhia e classificava: nomes, imagens, acontecimentos, experiências, personagens, pessoas, prisões, malas, pedaços de carvão...

Por sua natureza subjectiva e construção maneirista, a enumeração foi muito explorada nos séculos XVII e XVIII. Podemos enquadrá-la na retórica clássica - de acordo com o ibero-romano Quintiliano (*Marcus Fabius Quintilianus*, 35 d.C. - 95 d.C.) - na quarta categoria da *amplificação hiperbólica - congeries*, «acumulação»¹⁸:

¹⁷ THE TULSE Luper Suitcases, Parte I – A História de Moab. Realização: Peter Greenaway. Fortissimo Films, 2003. Edição e legendagem portuguesa: Films4you. Algés, 2013. 1 DVD.

¹⁸ JOHNSON, Christopher D. “Hyperboles. The Rhetoric of Excess in Baroque Literature and Thought”. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, and London, 2010, pág. 51.

Through such syntactic accumulation a feeling of abundance is conveyed. The inverse of this creation of *copia* is the principle of attenuation (*ratio minudendi*). An essential weapon in the satirist's arsenal, such attenuation produces the effect of a descent such that a thing or person's worth is methodically diminished. An early modern example might be the vituperation that Anne and Queen Margaret direct against the eponymous villain in Richard III: *Though elvish-marked abortive, rooting hog, / Thou that wast sealed in thy nativity / Thou slave of nature, and the son of hell; / Thou slanderer of thy heavy mother's womb, / Thou loathed issue of thy father's loins, / Thou rag of honour, thou detested* –.

Com Edward Gibbon (1737-1794), Barroco e Iluminismo interpenetram-se no Capítulo XV (*The Progress of the Christian religion, and the sentiment, manners, numbers and condition of the primitive Christians*) da sua obra maior¹⁹:

In their censures of luxury, the fathers are extremely minute and circumstantial; and among the various articles which excite their pious indignation, we may enumerate false hair, garments of any colour except white, instruments of music, vases of gold or silver, downy pillows (as Jacob reposed his head on a stone), white bread, foreign wines, public salutations, the use of warm baths, and the practice of shaving their beards, which, according to the expression of Tertullian, is a lie against our own faces, and an impious attempt to improve the works of the Creator.

Em certo sentido, a enumeração corresponde a uma acumulação escrita em registo análogo aos *Cabinets de Curiosités*: compartimentos onde colecionadores acumulavam grupos enciclopédicos de objectos de categorização imprecisa, que proliferaram pela Europa, e mais tarde na América, a partir do século XVI e, com crescente popularidade, nos séculos XVII, XVIII e XIX. As expressões alemãs para esses conjuntos de raridades são particularmente felizes: *Kunstkabinett* (gabinete de artes) ou *Wunderkammer* (câmara de maravilhas). “The *Kunstammer* conveyed symbolically the patron's control of the world through its indoor, microscopic reproduction”²⁰. O advogado, químico e antiquário (com interesses na alquimia, astrologia e botânica) Elias Ashmole (1617-1692) foi o seu mais famoso promotor, tendo acumulado um *cabinet* que deu origem ao *Ashmolean Museum* de Oxford.

Cabinets, tableaux-vivants e enumerações são também explorados contemporaneamente no plano artístico nacional, sendo exemplo disso três exposições de 2008 da autoria de Pedro Saraiva: *gabinete>linares*, *gabinete>codina* e *gabinete>cambed* - a que se vieram somar *gabinete>bárcea* (2009), *gabinete>musad* (2012) e, finalmente, *gabinete>linfa* e *gabinete>panero*, ambas de 2014²¹. Convergem também no filme *Everything Is Illuminated*, de

¹⁹ GIBBON, Edward. “The Decline and Fall of the Roman Empire “. Wordsworth. Ware, 1998, pág. 267.

²⁰ FIORANI, Francesca. Recensão literária da edição inglesa de BREDECAMP, Horst, “The Lure of Antiquity and the Cult of the Machine: The *Kunstammer* and the Evolution of Nature, Art and Technology”, 1995, In *Renaissance Quarterly*, The Renaissance Society of America. Nova Iorque, 1998, nº 51.1, págs. 268-270.

²¹ GAMITO, Maria João. “Idem per Idem”, In: *Pedro Saraiva. Gabinete>Panero*. Coord, edição Pedro Valdez. DOCUMENTA e Fundação Carmona e Costa. Lisboa, 2014, págs. 7-29.

Liev Schreiber²², baseado no livro autobiográfico homónimo de Jonathan Safran Foer (interpretado por Elijah Wood), escritor judeu nova-iorquino em viagem à Ucrânia em busca da aldeia judia de onde a sua família é oriunda.

Jonathan conserva em saquetas de plástico objectos avulsos que recolhe durante a busca. Alex (Eugene Hutz), seu acompanhante e narrador do filme, procura conhecer as razões para a viagem do jovem americano:

I was of the opinion that the past is past. And like all that is not new, it should remain buried along the side of our memories. But this was before [...] I encountered *the collector*...

- Father informs me you are writing a book about this trip. You are a writer?
- No.
- Then what is this [aponta um livro de apontamentos de Jonathan]?
- It's a *catalog*.
- I don't know why they told you that. I'm not a writer. I'm more of a *collector*, really.
- And what do you *collect*?
- *Things*.

Na chegada ao que foi a *shtetl* de Trachimbrod, arrasada pelos alemães na 2ª Guerra Mundial, Foer descobre uma inesperada cara-metade na única sobrevivente do massacre: a anciã Lista (interpretada por Laryssa Lauret) que, à maneira de conservadora da memória colectiva do povoado, recolhe e arquiva todos os testemunhos físicos dos falecidos habitantes da aldeia:

- We are searching for Trachimbrod.
- You are here. I am it.

A enumeração carrega em regra um elemento de humor que por vezes penetra o território do absurdo - conforme o infame Capítulo XIII de *Gargântua*, de François Rabelais (c. 1483-1553): *Como Grandhousier conheceu o Espírito Maravilhoso de Gargântua graças à Invenção duma Maneira de Limpar o Cú*²³. Já os britânicos Monty Python, em *The Life of Brian*²⁴, enumeram numa reunião de conspiradores as introduções efectuadas pelo jugo Romano no território e quotidiano da Judeia ocupada.

Da mesma nação que os Python é originário o diácono Charles Lutwidge Dodgson, docente de matemática e lógica no Christ Church College de Oxford, mas melhor conhecido pelo pseudónimo *Lewis Carroll*. A sua prosa e poesia combinam charadas, enigmas (entre os quais consta o seu nome literário) e fórmulas matemáticas. De acordo com Martin Gardner²⁵, o primeiro manifesto surrealista escrito por André Breton mencionava Carroll como sendo

²² EVERYTHING is Illuminated. Realização: Liev Schreiber. Warner Independent Pictures, 2005. 1 DVD.

²³ RABELAIS, François. "Gargântua". Publicações Europa-América. Mem Martins, 1987, págs. 72-75.

²⁴ MONTY Python's Life of Brian. Realização: Terry Jones. Python (Monty), 1979. Columbia Tristar, 2003. 1 DVD.

²⁵ GARDNER, Martin, ed. "Selected Bibliography" In: *The Annotated Hunting of The Snark. The Definitive Edition*. WW Norton&Company. New York, London, 2006, pág 117.

surrealista. De resto, a primeira tradução para francês do seu poema *A Caça ao Snark* foi efectuada e publicada em 1929 por Louis Aragon.

Quando recebia convidadas no seu apartamento de Oxford, de acordo com uma carta que escreve a Dorothy Joy Lane Pool a 11 novembro de 1896, o diácono Dodgson costumava propôr²⁶:

What do you usually drink at dinner? My lady-guests mostly prefer draught-lemonade – but you can have any of the following beverages:

(1) Bottled lemonade; (2) ginger-Beer; (3) beer; (4) water; (5) milk; (6) vinegar; (7) ink.

Nobody has yet chosen either No. 6 or No. 7.

Parece o absurdo ele próprio uma solução para a impossibilidade de abarcar a realidade: uma vez que esta não é equacionável, porquê tomá-la seriamente?!

IV. A Enumeração em Jorge Luís Borges

*Naquela segunda divisão da Anatomy of Melancholy – ano de 1621 – que estuda os remédios contra esse mal, o autor enumera a contemplação de palácio, de rios, de labirintos, de repuxos, de jardins zoológicos, de templos, de obeliscos, de mascaradas, de fogos-de-artifício, de coroações e de batalhas*²⁷.

A enumeração é recurso retórico que remete para a recitação, não surpreendendo que por essa via oral - por força da cegueira que lhe cerceou a possibilidade de escrever na forma mais larga - constitua elemento muito frequente na obra de Jorge Luís Borges. Recorre-lhe em *O Idioma Analítico de John Wilkins*, de 1952, onde enumera deste modo²⁸:

Nas suas [da enciclopédia chinesa intitulada Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos] remotíssimas páginas está escrito que os animais se dividem em: (a) pertencentes ao imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães vadios, (h) Incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) incontáveis, (k) desenhados com um pincel finíssimo de pêlo de camelo, (l), etc..., (m) que acabam de quebrar o jarão, (n) que ao longe parecem moscas.

²⁶ GREEN Roger Lancelyn (Chosen and arranged). “The Book of Nonsense by many authors”. J.M. Dent&Sons Ltd, London e E.P. Dutton Co. INC, New York - 1ª edição 1956; reimpressão, 1965, pág. 111.

²⁷ BORGES, Jorge Luís. “Outras Inquirições”. In: *Obras Completas*, Vol.IV. Editorial Teorema. Lisboa, 1999. Pág. 320.

²⁸ BORGES, Jorge Luís. “Outras Inquirições”. In: *Obras Completas*, Vol.II. Editorial Teorema. Lisboa, 1998. Pág. 83.

Destaca-se também a famosa enumeração publicada em *O atroz Redentor Lazarus Morell*²⁹, de 1935:

Em 1517, o padre Bartolomé de las Casas teve muita pena dos índios que se extenuavam nos laboriosos infernos das minas de ouro das Antilhas e propôs ao imperador Carlos V a importação de negros, que se extenuaram nos laboriosos infernos das minas de ouro das Antilhas. A essa curiosa variação de um filantropo devemos factos infinitos: os *blues* de Handy, o êxito alcançado em Paris pelo pintor doutor oriental D. Pedro Figari, o tamanho mitológico de Abraham Lincoln, os quinhentos mil mortos da Guerra da Secessão, os três mil e trezentos milhões gastos em pensões militares, a estátua do imaginário Falucho, a admissão do verba *linchar* na décima terceira edição do Dicionário da Academia, o impetuoso filme *Aléluya*, a forte carga de baioneta conduzida por Soller à frente dos seus Pardos y Morenos no Cerrito, a graça da menina Fulana, o mulato que assassinou Martín Fierro, a deplorável rumba *El Manisero*, o napoleonismo corajoso e encarcerado de Toussaint Louverture, a cruz e a serpente no Haiti, o sangue das cabras degoladas pela catana do *papaloi*, a habanera mãe do tango, o candombe.

Em *El Congreso*, a enumeração já não figura literal - mas antes conceptualmente. O conto, publicado em 1975, trata o projecto utópico de Don Alejandro Glencoe, “estanciero oriental, dueño de un establecimiento de campo que lindaba con el Brasil”, de organizar um Congresso do Mundo que representaria todos os homens de todas as nações. Um assistente de Glencoe, de nome Twirl, observou que o Congresso pressupunha um problema de índole filosófica: planear uma assembleia que representasse todos os homens era como fixar o número exacto dos arquétipos platónicos, enigma que tinha atarefado durante séculos a perplexidade dos pensadores³⁰.

Sugirió que, sin ir más lejos, don Alejandro Glencoe podía representar a los hacendados, pero también a los orientales y también a los hombres de barba roja y los que están en un sillón. Nora Erfjord era noruega. Representaría a las secretarias, a las noruegas o simplemente a todas las mujeres hermosas? Bastaba un ingeniero para representar a todos los ingenieros, incluso los de Nueva Zelandia?

Confessadamente anglófilo e estudioso das línguas escandinavas (cuja literatura radica fortemente na oralidade), o mestre argentino faz-nos um retrato de Richard Burton (1821-1890), em *Os tradutores de As 1001 Noites*³¹:

Burton era homem que tinha muitíssimo a dizer, e os setenta e dois volumes da sua obra continuam a dizê-lo. Destaco alguns títulos ao acaso: *Goa e as Montanhas Azuis*, 1851; *Sistema de Exercícios de Baioneta*, 1853; *Relato Pessoal de Uma Peregrinação a Medina*, 1855; *As Regiões Lacustres da África Equatorial*, 1860; *A Cidade dos Santos*, 1861; *Explorações das Mesetas do Brasil*, 1869; *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, 1870; *Última Thule ou Um Verão na Islândia*, 1875; *À Costa do Ouro em Busca de Ouro*, 1883, *O Livro da Espada* (primeiro volume), 1884; *O Jardim Fragrante*

²⁹ BORGES, Jorge Luís. “História Universal da Infâmia”. In: *Obras Completas*, Vol.I. Editorial Teorema. Lisboa, 1998. Pág. 303.

³⁰ BORGES, Jorge Luís. “El Libro de Arena”. Alianza Emecé. Madrid, 1990. Págs. 21-38.

³¹ BORGES, Jorge Luís. “História da Eternidade”. In: *Obras Completas*, Vol.I. Editorial Teorema. Lisboa, 1998, págs. 415-416.

de Nazfaui [...] assim como uma *Compilação de Epigramas Inspirados por Príapo*. O escritor deixa-se transparecer neste catálogo: o capitão inglês que tinha a paixão da geografia e das inúmeras maneiras de ser homem que conhecem os homens.

Borges partilhava com Burton o interesse nas *inúmeras maneiras de ser homem que conhecem os homens*. Uma possibilidade mágica que *O Aleph*, escrito em 1949, lhe poderia oferecer³². Embora o narrador do conto nos advirta da impossibilidade de proceder a uma enumeração, sequer parcial, de um conjunto infinito – “algo, no entanto, registrará”:

[...] O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava ali, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (o cristal do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu a vi claramente de todos os pontos do universo. Vi o populoso mar, vi a aurora e a tarde, vi as multidões da América, vi uma prateada teia de aranha no centro de uma negra pirâmide, vi um quebrado labirinto (era Londres), vi intermináveis olhos próximos perscrutando em mim como num espelho, vi todos os espelhos do planeta e nenhum me reflectiu, vi num pátio da Rua Soler os mesmos ladrilhos que, há trinta anos, vi no saguão de uma casa de Frey Bentos, vi cachos de uva, neve, tabaco, listas de metal, vapor de água, vi convexos desertos equatoriais e cada um dos seus grãos de areia, vi em Inverness uma mulher que não esquecerei, vi a violenta cabeleira, o altivo corpo, vi uma cancro no peito, vi um círculo de terra seca numa vereda onde antes existira uma árvore, vi numa quinta de Adrogué um exemplar da primeira versão inglesa de Plínio, a de Philemon Holland, vi, ao mesmo tempo, cada letra de cada página (em pequeno, eu costumava maravilhar-me com o facto das letras de um livro fechado não se misturarem e se perderem no decorrer da noite), vi a noite e o dia contemporâneo, vi um poente em Querétaro que parecia reflectir a cor de uma rosa em Bengala, vi o meu quarto sem ninguém, vi num gabinete de Alkmaar um globo terrestre entre dois espelhos que o multiplicam indefinidamente, vi cavalos de crinas redemoinhadas numa praia do Mar Cáspio, na aurora, vi a delicada ossatura de uma mão, vi os sobreviventes de uma batalha enviando bilhetes postais, vi numa vitrina de Mirzapur um baralho espanhol, vi as sombras oblíquas de alguns fetos no chão de uma estufa, vi tigres, êmbolos, bisontes, marulhos e exércitos, vi todas as formigas que existem na terra, vi um astrolábio persa, vi numa gaveta da escrivaninha (e a letra fez-me tremer) cartas obscenas, claras, incríveis, que Beatriz dirigira a Carlos Argentino, vi um adorado monumento na Chacarita, vi a relíquia cruel do que deliciosamente fora Beatriz Viterbo, vi a circulação do meu escuro sangue, vi a engrenagem do amor e a modificação da morte, vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a terra, e na terra outra vez o Aleph e no Aleph a terra, vi o meu rosto e as minhas vísceras, vi o teu rosto e senti vertigem e chorei, porque os meus olhos tinham visto esse objecto secreto e conjectural cujo nome os homens usurpam, mas que nenhum homem olhou: o inconcebível universo.

V. A Enumeração em Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho

Nota dez para as meninas da torcida adversária, parabéns aos académicos da associação, saudações para os formandos da cadeira de direito, a todas as senhoras, muita consideração.

Porrada (Arnaldo Antunes/Toni Bellotto).

³² BORGES, Jorge Luís. “O Aleph”. Editorial Estampa, 1976. Págs. 127- 141.

A enumeração figura também em letras de música contemporânea, como sucede na extraordinária relação dos nomes das *girls of the USA* em “52 Girls”, dos norte-americanos B-52’s³³. Em Portugal, destaca-se “Efectivamente” da banda GNR³⁴.

No Brasil, o registo modernista de *Construção* (1971) de Chico Buarque apresenta um narrador distante e ciente da finitude da vida humana, em mais um traço comum entre enumeradores: a atração, por vezes mórbida, pela decadência da matéria e a morte (no que o cinema de Greenaway é paradigmático) patente com Arnaldo Antunes (São Paulo, 2 de Setembro de 1960) em *O Pulso*³⁵:

O pulso ainda pulsa, o pulso ainda pulsa...

Peste bubónica, câncer, pneumonia;
Raiva, rubéola, tuberculose e anemia;
Rancor, cisticirrose, Caxumba, difteria;
Encefalite, faringite Gripe e leucemia...

E o pulso ainda pulsa (2x)

Hepatite, escarlatina, estupidez, paralisia;
Toxoplasmose, sarampo, Esquizofrenia;
Úlcera, trombose, Coqueluche, hipocondria.
Sífilis, ciúmes, asma, cleptomania...

E o corpo ainda é pouco (2x)

Assim...

Reumatismo, raquitismo, Cistite, disritmia;
Hérnia, pediculose, Tétano, hipocrisia;
Brucelose, febre tifóide, arteriosclerose, miopia;
Catapora, culpa, cárie, Câimba, lepra, afasia...

O pulso ainda pulsa

E o corpo ainda é pouco.

Ainda pulsa.

Ainda é pouco.

Figura usual em Antunes, a enumeração surge por exemplo em *Família* (Arnaldo Antunes/Toni Bellotto), *Bichos Escrotos* (Arnaldo Antunes/Sérgio Britto/ Nando Reis), *Dívidas* (Branco Mello/Arnaldo Antunes), gravadas para *Cabeça Dinossauro*³⁶ - que contém ainda *Polícia* (Toni Bellotto), *Igreja* (Nando Reis) ou *AAUU* (Sérgio Britto/Marcello Frommer).

³³ AYERS, J. e WILSON, R. “52 Girls”. Intérpretes: The B-52’s. In: *The B-52’s*. Madrid: Island Records, 1979. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 2.

³⁴ REININHO, Rui *et al.* “Efectivamente”. Intérpretes: GNR. In: *Psicopátria*. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho, 1986. Lado B, faixa 1.

³⁵ ANTUNES, Arnaldo *et al.* “O Pulso”. Intérpretes: Titãs. In: *Ô Blésq Blom*. Rio de Janeiro: WEA, p1989. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 2.

³⁶ CABEÇA Dinossauro. Intérpretes: Os Titãs. Rio de Janeiro: WEA, p1986. 1 disco sonoro.

Salienta(m)-se por fim *As Coisas* (Gilberto Gil/Arnaldo Antunes), gravada para “Tropicália 2”³⁷ (e regravação em Portugal por Sérgio Godinho e a banda portuguesa Clã³⁸):

As coisas têm: peso, massa, volume; tamanho, tempo, forma, cor; posição, textura, duração; densidade, cheiro, valor. Consistência - profundidade, contorno, temperatura, função. Aparência - preço, destino, idade. Sentido. As coisas não têm paz.

VI. Conclusão

Plotino (205-270) escreveu que “tudo, no céu inteligível, está em todas as partes. Qualquer coisa é todas as coisas. O Sol é todas as estrelas, e cada estrela é todas as estrelas e o Sol”³⁹.

Após fazer uma revisão dos processos de conhecimento, registo e conservação de dados, abordamos a enumeração, enquanto sistema de classificação que responde de modo peculiar, mais literário e expressivo que científico e objectivo, à impossibilidade de registar todo o mundo sensível - assumindo justamente essa condição que é consequência da infinitude temporal e espacial da realidade. Coloca assim em causa o *realismo platónico* e o *realismo científico*. Para tanto, recorreremos mais detidamente a dois autores sul-americanos: o argentino Jorge Luís Borges e o brasileiro Arnaldo Antunes.

Recorte da realidade, a enumeração constitui uma amalgamação de referências com uma correlação intrincada que terá por propósito sugerir a incomensurável diversidade da realidade - através de uma parte da mesma. Não constitui uma *miscelânea*⁴⁰, na medida em que a enumeração tem regras próprias, muitas vezes involuntária e inconscientemente aplicadas pelo autor ao texto para o qual é formulada. Circunstância retratada na passagem do Antigo Testamento sobre o Dilúvio e a Arca de Noé:

Juntamente com eles, entraram os animais selvagens, segundo as suas espécies, os répteis que rastejam pela terra, segundo as suas espécies, e todos os animais voláteis, todas as aves, tudo quanto possui asas, segundo as suas espécies.

Entraram com Noé na arca, dois a dois, todas as espécies de seres que têm vida. De todos os seres vivos e de cada espécie entrou o macho e a fêmea, como Deus tinha ordenado a Noé. Depois o SENHOR fechou a porta atrás dele.

Gênesis, 7, 14-16⁴¹.

³⁷ ANTUNES, A. e GIL, G. Intérpretes: CAETANO VELOSO, GILBERTO GIL *et al.* In: *Tropicália 2*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, p1993. 1 disco compacto. Faixa 7.

³⁸ AFINIDADES. Clã e Sérgio Godinho ao Vivo. Intérpretes: Clã e Sérgio Godinho. EMI, 2001. 1 disco compacto. Faixa 10.

³⁹ BORGES, Jorge Luís. “Nove Ensaio Dantescos”. In: *Obras Completas*, Vol.III. Editorial Teorema. Lisboa, 1998. Pág. 387.

⁴⁰ *Miscelânea*: miscelânea, alimentação dos gladiadores; *adj.* misturado. DICIONÁRIO Português-Latim e Latim-Português. Porto Editora. Porto, 2000.

⁴¹ BÍBLIA Sagrada. Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 4ª edição 2002.

Nota: O presente artigo corresponde ao desenvolvimento temático das aulas da unidade curricular de Metodologias de Investigação, leccionada nos cursos de doutoramento e mestrado em Arquitectura do Territórios Metropolitanos Contemporâneos do ISCTE-IUL.